

# DESTE DIZER QUE SE QUER UNÍVOCO: UMA ANÁLISE SOBRE DISCURSOS DO PRESIDENTE LULA<sup>1</sup>

Denise de Paula RESENDE (Mestranda em Letras / UFSJ)<sup>2</sup>  
Antônio Luiz ASSUNÇÃO (orientador / Mestrado em Letras / UFSJ)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esse artigo desenvolve uma análise dos discursos do Presidente Lula, em sua participação no Fórum Econômico Mundial e no Fórum Social Mundial, em 2003. Lula se comprometeu, mesmo em eventos divergentes, a manter um mesmo discurso, coerente e fiel ao lugar ideológico que o consagrou como líder político. No entanto, nesse discurso que se quer único e impermeável, é possível encontrar deixas da presença constituinte de outros discursos. Diante dessas questões, busca-se, na análise do *corpus*, fundamentando-se em alguns estudos de Authier-Revuz e de Maingueneau, o funcionamento discursivo como depreendido da interdiscursividade e da heterogeneidade que o constitui.

**ABSTRACT:** This article had developed an analysis about President Lula's discourses, in his participation in the World Economic Forum and the World Social Forum, in 2003. Lula committed himself, even in divergent events, to sustain a same discourse, coherent and accurate to his ideological locus, which ordained him as a political leader. However, in this discourse, it is possible to find marks of other discourses. Due to these questions, based in some Authier-Revuz's and Maingueneau's studies, this article searches for the discursive operation as deduced from the interdiscursivity and constituted heterogeneity.

## 1. Introdução

No primeiro mês de governo de Luiz Inácio Lula da Silva, dentre várias ações iniciais, uma especificamente chamou a atenção do mundo. O presidente do Brasil se propôs a participar de dois eventos representados como opostos um ao outro. Lula foi ao III Fórum Social Mundial, em 24 de janeiro de 2003, e, dois dias depois, compareceu ao XXXIII Fórum Econômico Mundial, em Davos. Diante do estranhamento que essas duas participações simultâneas sugeriram, o presidente se comprometeu, mesmo em eventos divergentes, a manter um mesmo discurso, coerente e fiel ao lugar ideológico que o consagrou como líder político. No entanto, nesse discurso que se quer único e impermeável, é possível encontrar deixas e heranças da presença constituinte - e inevitável - de outros discursos que o atravessam. A pretensão de coerência de suas falas, frente às participações nos dois fóruns, se desfaz nas próprias condições de produção do discurso e na fragmentação de um sujeito construído e interpelado no e pelo discurso.

Frente a essas idéias iniciais, propõe-se um *corpus* de trabalho que compreenda as falas do Presidente da República no Fórum Social e, posteriormente, no Fórum Econômico, em 2003. Busca-se, na análise desse *corpus*, em sua textualidade, observar a constituição heterogênea do discurso e o seu primado interdiscursivo. Em outros termos, o objetivo é localizar, nos interstícios da linguagem, o que é contraditório e dissonante. Para fundamentar uma proposta de estudo dessa natureza, é interessante focalizá-la a partir de algumas categorias teóricas da Análise do Discurso, como a interdiscursividade e a heterogeneidade constitutiva. Toma-se, dentre outros, alguns estudos e discussões de Authier-Revuz (1990, 1998) e de Maingueneau (1989), que abordam o funcionamento discursivo como depreendido da interdiscursividade e da heterogeneidade que o constitui.

A leitura encaminhada sob a luz dessas categorias conduz a uma desmistificação dos dizeres de Lula nos dois fóruns, para localizá-los como dispersos e heterogêneos. O sujeito 'Lula', construído discursivamente, por sua vez, não é um sujeito único (ainda que seja um mesmo referente histórico), na medida em que se define na relação entre o *eu* e o *outro*. O sujeito se constitui com a presença desse 'outro' no fio discursivo, mas resiste na busca ilusória de uma unidade e na tentativa velada de harmonizar as divergentes vozes que o atravessam.

Determinado pelas posições enunciativas que o caracterizam e pelas condições de produção de sentido, ele se configura em uma rede de embate. Embora se esteja diante de estratégias que fazem chegar

<sup>1</sup> Agradecimentos ao Programa de Bolsas de Mestrado da CAPES.

<sup>2</sup> E-mail para contato: denise.resende@gmail.com

<sup>3</sup> E-mail para contato: assuncao@ufs.br

uma imagem de coerência na superfície de seu dizer, como conduzido por um fio ideológico único, na teia do discurso, o que se percebe é um espaço tenso de constituição desse sujeito. Se, de um lado, estrategicamente situado no interior de uma formação discursiva, o sujeito procura garantir as fronteiras de sua formação e se impor como fonte e origem do sentido; por outro, nas fendas do discurso, ele compromete essa suposta coerência ao dar pistas da presença de outros discursos que o interpelam e o fazem heterogêneo.

## 2. Formação Discursiva, Interdiscurso e Heterogeneidade Constitutiva

A Formação Discursiva (FD) é um conceito tradicional na Análise do Discurso (AD). Seu aparecimento, no entanto, é anterior aos estudos que instituíram a AD como disciplina. Houve, tanto no que diz respeito à apropriação do termo quanto ao decorrer das discussões sobre ele, uma re-definição do conceito e de quais seriam suas implicações. No início das discussões sobre Formação Discursiva, pontuam-se os trabalhos de Foucault, especificamente em *Arqueologia do Saber*, e de Pêcheux, quem instituiu a Análise do Discurso como disciplina.

No que se refere à apropriação desse termo, há encontros e desencontros entre Foucault e Pêcheux. Para Foucault, os enunciados, que manifestam uma contínua vontade de verdade, se relacionam com outros enunciados condicionados por uma série de regularidades internas, construindo um sistema que é em parte autônomo, ao qual se denomina *formação discursiva* – e são essas formações discursivas que definem a identidade dos enunciados que as constituem (FOUCAULT, 1997). Sob essa perspectiva, Foucault avalia o que possibilita o aparecimento e a legitimação dos discursos no verdadeiro de uma época.

Já em Pêcheux, o conceito de formação discursiva é lapidado nas diretrizes do marxismo-althusseriano e se define como o que pode e deve ser dito diante de uma posição dada na estrutura social. Essa definição é exemplificada frente a discursos marcados ideologicamente, dando ênfase à luta política. Para Pêcheux, as ideologias são forças materiais que condicionam a reprodução/transformação das relações sociais. A instância ideológica tem uma materialidade concreta e existe sob a forma de *formações ideológicas* (Cf. PÊCHEUX, 1988, p.146). Para essa Análise do Discurso, *a ideologia não é “x” mas o mecanismo de produzir “x”*. (...). *É a ideologia que produz o efeito de evidência, e da unidade, sustentando sobre os já ditos os sentidos institucionalizados, admitidos como “naturais”* (ORLANDI, 1996, p.30-31). A formação discursiva, para Pêcheux, é, portanto, o que *numa formação ideológica dada, (...), determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)* (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Enquanto a formação ideológica articula as possibilidades de sentido, a formação discursiva é o *lugar de constituição do sentido* (Idem. Ibidem, p.162). Nas implicações da escolha e do uso desses dois termos, ‘formação ideológica’ e ‘formação discursiva’, Pêcheux entende o processo discursivo como inscrito em uma relação ideológica, denominando-o *processo discursivo-ideológico* (Cf. BRANDÃO, 1993, p.34). Esse processo traz, portanto, em sua proeminência, a formação discursiva como o lugar em que se constituem os sentidos, intrincado com as formações ideológicas e com as condições de produção do discurso.

Rediscutido em determinado período nas narrativas da Análise do Discurso, argumentava-se que o conceito de formação discursiva deveria ser repensado no que diz respeito a sua condição essencialmente classificatória e a sua auto-suficiência, como considera Maingueneau, ao se referir às primeiras fases da Análise do Discurso:

Sucintamente, poder-se-ia dizer que a AD de “primeira geração”, aquela dos fins dos anos 60 e início da década de 70, procurava essencialmente colocar em evidência as particularidades das formações discursivas (o discurso comunista, socialista, etc) consideradas como espaços relativamente auto-suficientes, aprendidos a partir de seu vocabulário. (MAINGUENEAU, 1989, p.21).

A concepção entra em conflito também a partir dos próprios questionamentos feitos ao materialismo histórico e ao marxismo, tendências de que se utilizava a AD, e a partir da rediscussão de formações ideológicas como apenas facções em que se polarizavam, por exemplo, o patrão e o assalariado (Cf. BARONAS, 2004). Mas o encaminhamento das discussões sobre formação discursiva, em Foucault, primeiramente, e após em Pêcheux, já traziam deixas de seu re-direcionamento posterior.

Foucault (1997, p.112) dizia que uma das características dos enunciados (considerados uma unidade da formação discursiva) é que *eles têm sempre margens povoadas de outros enunciados*. O enunciado se relaciona com outras formulações que com ele coexistem. Há uma historicidade, uma memória, e há o processo em que os enunciados se re-atualizam em outros enunciados. Todas essas postulações indicavam já o entendimento de formações discursivas como dimensão essencialmente heterogênea. Entretanto, mesmo

identificando nos trabalhos de Foucault o germe da heterogeneidade, não se previa o conceito de interdiscurso, porque o que se colocava em pauta, em seus estudos, eram as regularidades nas dispersões que conduziam um mesmo discurso, a co-existência dos enunciados e os campos associativos (Cf. FOUCAULT, 1986).

Nos primeiros trabalhos de Pêcheux, como já se disse, o conceito de formação discursiva era tributário da tese althusseriana de formação ideológica e, por esse viés, toda subjetividade estava *assujeitada às coerções da formação discursiva, regulada, regrada por uma formação ideológica* (BRANDÃO, p.40, 1998). A noção de formação discursiva era entendida como um aparelho estrutural truncado, dentro do qual se definia *o que deve e pode ser dito por um sujeito*. Essa compreensão, ainda em Pêcheux, passa a ser desconstruída no próprio reconhecimento de que haveria uma relação paradoxal da formação discursiva com seu exterior e de que uma FD é tomada de forma constitutiva por elementos que vêm desse exterior. Esses elementos foram nomeados de *interdiscurso*, designando o exterior de uma FD que emana no seu interior.

Mesmo sob um conceito ainda entendido como um *dispositivo estrutural fechado*, Pêcheux cada vez mais se aproxima de um questionamento fundamental para as fases posteriores da AD: o da heterogeneidade discursiva. Nas últimas fases de seu trabalho, ele chega a reconhecer a heterogeneidade como constitutiva de todo discurso e a justifica como um desdobramento do sujeito nas várias posições que ocupa em uma FD, que é, por sua vez, atravessada por outras FDs. No entanto, essa heterogeneidade é ainda muito demarcada por discussões sobre a ilusão discursiva da origem e da unidade e sobre uma *vocação totalizante* (Cf. BRANDÃO, 1998).

As reflexões sobre a interdiscursividade e a heterogeneidade, desse modo, já encontravam seus embriões naqueles que discutiram primeiramente o conceito de formação discursiva. Foi sobre esses pontos que alguns teóricos, posteriormente, se debruçaram, sistematizando o conceito de heterogeneidade constitutiva. Cita-se, dentre outros teóricos, a representatividade das discussões de Authier-Revuz, que parte do conceito de dialogismo, introduzido por Bakhtin, e das considerações da psicanálise, que entende o sujeito como efeito da linguagem, para fundamentar a heterogeneidade constitutiva do discurso e questionar uma visão que, considerando a discursividade como homogênea, posiciona o sujeito como origem e como controlador do sentido. A grande questão que se colocava, a partir de então, era justamente de que havia um processo de re-configuração constante no interdiscurso de uma formação discursiva, determinada pelos posicionamentos ideológicos que representam ou vinham a representar em contextos diferentes.

Inserido em uma Análise do Discurso vinculada às teorias enunciativas, Maingueneau é também um dos que apresentam resistência àquela AD que objetivava simplesmente evidenciar as particularidades das formações discursivas (o discurso socialista, o discurso comunista, etc), entendidas como dimensões, em parte, auto-suficientes. Frente à recusa ao conceito de Formação Discursiva, construído nas primeiras fases da Análise do Discurso, ele reafirma, então, o entendimento da discursividade através de sua relação com a heterogeneidade, e, além disso, lança a hipótese do primado interdiscursivo sobre o discursivo, defendendo que uma análise que demarca a identidade de uma formação discursiva inscreve-se inevitavelmente nas relações interdiscursivas.

O interdiscurso consiste em um processo de constante redefinição e re-direcionamento da formação discursiva, que faz incorporar dentro de seu domínio elementos produzidos fora dele ou retoma os próprios elementos, organizando uma repetição, ou ainda provocando um apagamento, esquecimento, denegação de determinados elementos dentro de suas fronteiras, de forma a reconfigurá-las. Considerar a discursividade na heterogeneidade que a constitui permite interpretá-la, portanto, *não como uma fonte única pontilhada de fragmentos citados, trata-se de pensar, de imediato, na interação do Mesmo e do Outro*. (MAINGUENEAU, 1989, p.22). Em outros termos, frente a esse caráter heterogêneo da discursividade, todo discurso é constitutivamente polêmico, e sempre subentende no direito o avesso, no *um* o *outro*. Cada discurso compreende os enunciados que são avessos, os enunciados do Outro, a partir da posição e do lugar discursivo que se assume no interior da formação: *o outro no mesmo*. (Cf. BRANDÃO, 1993, p.74).

A partir desse novo conceito de formação discursiva e do primado do interdiscurso sobre o discurso, os estudos sobre heterogeneidade ganham corpo e ocupam espaço nas narrativas da AD. A heterogeneidade é posicionada, sob essa perspectiva, como constitutiva de todo discurso e se manifesta nas não-coincidências que afetam os dizeres, através da relação interlocutiva, do discurso atravessado pelo discurso do outro, da relação das palavras com as coisas e das palavras com outras palavras (Cf. AUTHIER-REVUZ, 1998, p.53). Authier-Revuz (1990) trabalha com algumas formas do que ela denomina heterogeneidade mostrada, em que a presença do Outro necessariamente se assinala na superfície discursiva. Ela não deixa de demarcar, no entanto, a heterogeneidade em que a presença do Outro não é explicitamente marcada na frase, mas mostrada no espaço do sugerido, do implícito - uma maneira mais sutil e diluída (como nos discursos indiretos livres,

na antífrase, na ironia, na imitação, na alusão), denominada *heterogeneidade mostrada não-marcada* (Cf. AUTHIER-REVUZ, 1982).

Em seus estudos, ao se referir a Authier-Revuz, Maingueneau também defende a heterogeneidade em dois planos diferentes, classificados como *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva*: uma heterogeneidade mostrada, marcada lingüisticamente, e uma heterogeneidade constitutiva, que obriga a repensar a distinção espontânea entre o interior e o exterior de um discurso:

(...) a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição da formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1989, p.75).

Essa distinção entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva liga-se à idéia de que a interdiscursividade pode ser recuperada a partir da diversidade de fontes de enunciação, em manifestações explícitas ou não, como também observa Maingueneau:

Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade. (MAINGUENEAU, 1989, p.120).

Diga-se, por fim, que a heterogeneidade, constitutiva de todo discurso, é possível de ser definida pela interdiscursividade e pela relação que os discursos mantêm entre si. Sob essa perspectiva, não se propõe, diante do *corpus*, apenas uma operação que localize e/ou confirme a ilusão de processos de homogeneização do discurso, mas o que, nas fendas da linguagem, é contraditório e dissonante.

### **3. Nas fendas do discurso, as marcas de sua heterogeneidade: análise do *corpus***

Na participação no Fórum Social Mundial, vê-se um discurso mais informal, de movimento popular, de palanque. Já no Fórum Econômico Mundial, o Lula se apresenta com um discurso mais formal que responde às determinações de um Fórum Econômico. Houve um molde na sua fala, de acordo com as imposições do evento de que participou. Não só por essa forma como se elaboraram as falas, de acordo com as imposições de cada fórum, é que se constrói o sujeito dos discursos, mas também pela própria auto-apresentação desse sujeito, por seu processo de identificação no interior de suas falas e, principalmente, pelas condições de produção dos discursos. Essas condições atravessam os dizeres pelos jogos de imagens que os constituem: a imagem que o sujeito faz, ao enunciar, do lugar que ocupa ele próprio, do lugar que ocupa o seu interlocutor e do lugar em que o discurso é enunciado; e, ainda, a imagem que o sujeito faz da imagem que seu interlocutor faz do lugar que o interlocutor ocupa, do lugar que ocupa o sujeito do discurso e do lugar em que o discurso é enunciado (Cf. PÊCHEUX, 1990).

O Lula que fala ao FSM - aqui há a prevalência de um discurso mais de esquerda (no sentido tradicional), de um ex-sindicalista, do chefe eleito pelo povo, da euforia frente à vitória tão recente e, conseqüentemente, de sua chegada ao poder. Já ao Lula que fala ao FEM, atribuem-se dois lugares: ênfase no chefe da nação brasileira, no representante da esquerda no mundo, um conciliador, mas também ênfase em quem tem compromissos com a ordem política e econômica mundial. E, nesse processo, não há como dizer que as falas de Lula se inscrevem inevitavelmente em uma FD determinada e que todo o seu dizer se filia e tem origem nessa formação. A própria situação enunciativa, as condições de produção de seu discurso, as posições e os papéis que assume e que é levado a assumir, redefinem a identidade das FDs com as quais seu discurso se identifica e re-articulam suas fronteiras – ou seja, são os interdiscursos em seu discurso que o identificam no seu dizer:

Efetivamente, a partir do momento em que as articulações fundamentais são instituídas nessa relação interdiscursiva, toda unidade que se desenvolverá de acordo com elas se encontrará *ipso facto* na mesma situação. Um enunciado de uma formação discursiva pode, pois, ser lido em seu “direito” e em seu “avesso”: em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos(...). Dizer que a interdiscursividade é constitutiva é também dizer que um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao

bom senso, etc., *mas de um trabalho sobre os outros discursos*. (MAINGUENEAU, 1989, p.120).

Nossa análise parte dessas considerações e busca explicitar os procedimentos da heterogeneidade, frente ao primado do interdiscurso, na superfície dos dizeres. Busca-se, nas análises a seguir, não a apreensão de uma formação discursiva na qual se inscreva o discurso, mas a interação entre as formações discursivas e a identidade desse discurso construída na relação com o outro - elementos todos retirados do fio da interdiscursividade.

Em diversos momentos de suas falas, tanto em Porto Alegre como em Davos, Lula se filia ao grupo que caracteriza o FSM e não se inclui naquele do FEM. Assim, ele se auto-representa coerente às duas participações, até porque a representação de sua presença em lugar estrangeiro ao seu discurso não pode ser entendida como uma renúncia a esse discurso e nem como uma aceitação do discurso do outro. Como se pode observar nas nos recortes a seguir:

(1) Não fiquem indefinidamente esperando sinais para mudarem de atitude em relação ao meu país e aos países em desenvolvimento. Os povos, como os indivíduos, precisam de oportunidades. Os países ricos de hoje só o são porque tiveram as suas oportunidades históricas. Se querem ser coerentes com a sua experiência vitoriosa, não podem e não devem obstruir o caminho dos países em via de desenvolvimento. Ao contrário, podem e devem construir conosco uma nova agenda de desenvolvimento global compartilhado. (FEM).

(2) Eu, agora mesmo, Haddad, estou falando, aqui, em português, e deve haver companheiro aí, francês, inglês, deve haver gente da China, da Índia, que não está entendendo nada do que estou falando. Entretanto, aqueles que não entenderem as minhas palavras, e são pessoas que acreditam no Fórum Social Mundial, olhem nos meus olhos, que vão entender cada palavra que eu falar. (FSM).

Esses dois recortes acima elucidam o tratamento de Lula aos seus interlocutores em um e em outro fórum. Em (2), nem as diferenças de línguas impedem que haja um pacto de entendimento: todos são representados ali como pertencentes a um mesmo grupo, e a esse “todos” se inclui aquele que fala. Já em (1), o uso de uma terceira pessoa vem interpelar os interlocutores com distanciamento e não pertencimento (“não fiquem”, “se querem”, “não podem”, “não devem”), posicionando-os como o outro a quem o Lula se dirige. Esse outro que permitiu a entrada de Lula em território estrangeiro e que, frente a essa concessão, atribuiu à sua figura uma importância inédita. Lula se posiciona justamente, no próprio uso do imperativo, que ocorre com frequência nesse trecho e em outros, como um conselheiro, alguém que tem o que ensinar.

O posicionamento do locutor, como quem tem muito a aconselhar, funda-se também em uma obrigatoriedade delegada ao outro em ouvir quem, até então, era rejeitado. O outro, assim representado, passa a ser interpelado como quem tem o compromisso de ouvir, como quem deve se submeter aos conselhos e como quem já não tem tanta hegemonia. O discurso do outro é pormenorizado frente ao discurso em que se auto-representa o locutor e há uma espécie de revanche representada: eles, que tanto repeliram o discurso de Lula, agora, na obrigatoriedade de ouvi-lo, convocaram-no a dizer. Vejam-se, por exemplo, os trechos a seguir, pronunciados no Fórum Social Mundial:

(3) Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, a verdade é que, depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha, antes de existir o Fórum Social Mundial. A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais. (FSM).

(4) Qual é a novidade? Qual é a novidade deste ano? É que este ano, por causa de vocês e por causa do Fórum Social Mundial, fui convidado para ir a Davos. Se não fossem vocês, eu não seria convidado. (...). Agora, quando surgiu o convite para Davos, a princípio falei: o que eu vou fazer em Davos? E, aí, tomei a seguinte decisão; sou presidente de um país que é a oitava economia mundial. (...) Portanto, tomei a decisão. (FSM).

É dentro dessa identificação - e a partir dela - que o locutor se propõe a tratar dos mesmos assuntos tanto em um quanto em outro fórum:

(5) Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer. Quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. (FSM).

(6) Estou chegando, como vocês sabem, diretamente de Porto Alegre, onde participei do Fórum Social Mundial, e falei a dezenas de milhares de pessoas sobre os mesmos assuntos de que pretendo tratar aqui. (FEM).

Lula utiliza a primeira pessoa e se re-afirma no seu dizer (*eu digo, eu me proponho a dizer X*). “Dizer X” em Porto Alegre e “dizer X” em Davos é preservar a sua imagem e garantir o pertencimento de suas falas a uma formação que lhe é específica, que o identifica; e é, ao mesmo tempo, polemizar a presença do discurso diante do qual ele se posiciona contra.

É também de forma não-visível que se movimentam as distâncias dessas não-coincidências em que o discurso se constitui. Antecipar, por exemplo, como se pode observar em (5) e em (6), o dizer de Davos no discurso em Porto Alegre, e lembrar o dizer de Porto Alegre no discurso em Davos já traz a presença do discurso no FSM para dentro do discurso no FEM e vice-versa – os discursos se atravessam, se esbarram e essa presença polêmica constitui e identifica o outro, naquele momento de enunciação. A relação que o locutor, historicamente assimilado a uma FD que o identifica, mantém com o discurso do outro (filiado/inscrito em a uma FD não só diferente, mas oposta) é uma relação de contradição manifesta que se faz por meio de uma refutação do discurso do Outro: *há duas formações discursivas pertencentes a um mesmo espaço discursivo que se confrontam e o locutor procura pontuar o seu discurso estabelecendo uma fronteira entre o Um e o Outro, criando um efeito de denegação* (BRANDÃO, 1998, p.28).

Esse mecanismo é determinante nos processos de identificação frente às subjetividades envolvidas. Em (5), há uma interpelação aos seus interlocutores pela expressão “companheiros”, atualizando o vocativo que posicionava Lula às práticas de palanque e o identificava como o militante, o sindicalista, mesmo falando ali já como o presidente. O sujeito, em seus dizeres, procura identificar-se com uma formação discursiva que o instituiu como figura pública, assimilada a esquerda - busca-se estabelecer ideologicamente uma continuidade, re-atualizando elementos constituídos numa contingência histórica anterior.

Ainda em (5), Lula antecipa a sua participação em Davos, e o faz em tom de justificativa à postura que assumiu – sua presença no FEM não significa compactuar com o que se defende nesse fórum. Essa preocupação, junto à fala de que ele faz questão de dizer o mesmo que disse no FSM, localiza esse discurso do outro, representado pelo FEM, como estrangeiro ao seu. Já em (6), justamente o trecho que inaugura a sua participação no FEM, há uma preocupação imediata em se representar como não pertencente ao “vocês”, a quem está dirigindo as suas palavras, o que re-afirma o discurso do outro numa descontinuidade ideológica, frente ao seu discurso. A proposta de tratar dos mesmos assuntos identifica Lula como aquele que enfrenta, que entra em confronto, que vem se apresentar em território estrangeiro e não teme dizer o mesmo que diria em território seu.

Auto-representar-se coerente e dono de seu dizer, passível de controle de suas falas (“eu digo X”), permite à enunciação assegurar-se de uma imagem resguardada sobre esse jogo de heterogeneidades, através de que a enunciação se realiza. Esse tipo de manifestação, esses meta-comentários, é nomeado por Authier-Revuz (1998) de *configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa*, em que se defende que a enunciação não se realiza em si mesma, simplesmente e no esquecimento das evidências inquestionáveis, mas se desdobra em uma auto-referencialidade, em uma auto-apresentação do dizer, que é também constitutiva. Há várias formas lingüísticas ou discursivas em que se localizam esses desdobramentos enunciativos, “eu digo X” é apenas uma delas. Essas dobras metaenunciativas, manifestadas na superfície do dizer, é que *testemunham o modo pelo qual um dizer “se mantém” no jogo das não-coincidências, pelo traçado de suturas com que elas reasseguram sua unidade, como em um corpo de cicatrizes que atesta sua coesão no lugar de suas feridas fechadas*” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.27). Os discursos dissimulam os desvios em seu interior, e, pretendendo-se único, dependem dessa unidade para se representarem coesos.

O dizer, no entanto, como já foi dito, se mantém não só nessas coincidências motivadas e na vontade de coerência ao discurso próprio, mas nos jogos dispersantes das não-coincidências. Se Lula se propõe a tratar dos mesmos assuntos, mesmo que ele o faça, há diferenças tanto nas formas desse tratamento – na extensão que tomam na fala e no processo de formulação - quanto diferenças na seleção dos “assuntos”. Há pontos em um discurso que não há no outro, essas exclusões ou acréscimos não são gratuitos. Há temas em Davos que não foram tratados em Porto Alegre: respeito a contratos e garantia do equilíbrio, expansão do mercado também no exterior, participação de capitais estrangeiros na ampliação da infra-estrutura, expansão do comércio internacional. Há assuntos em Porto Alegre que não foram tratados em Davos: re-afirmação dos compromissos como um presidente eleito pelo povo e como grande representante da esquerda mundial, a importância, a oposição e a crescente projeção do Fórum Social Mundial, entre outros.

O que se observa é que justamente nesses assuntos tratados em um fórum e não tratados no outro é que o sujeito representado em Lula mede as consequências de seu dizer, atentando para as condições de produção desse dizer. Afinal, os destinatários são o *outro*, logo o sujeito discursivo é reposicionado, já que ele é constituído discursivamente de forma diferente, como se confirma na citação abaixo:

o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outros. Não é uma forma de subjetividade mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz (Cf. FOUCAULT, 1997a: 59); é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. É importante também ressaltarmos que o modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, pois ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso que o constitui). (BAGHIN-SPINELLI, 2002, p.12).

Em Porto Alegre, a enunciação sofre uma ameaça no anúncio da participação de Lula em um fórum oposto (o FSM foi criado, inclusive, em resposta ao imperialismo atribuído ao FEM). É aí que Lula dá ênfase a sua filiação e fala especificamente sobre assuntos que interessam à esquerda - ao FSM - e que são filiados a essa esquerda, que ele representa. Já em Davos, a ameaça está justamente na representação de quem ousa trazer o discurso de embate, de quem assume a voz da oposição; no entanto, sua face se protege em pautas, mesmo que postas sutilmente, que interessam ao FEM e que não seriam bem vindas no outro fórum.

No quadro a seguir, visualiza-se o mecanismo de acordo com o qual se dá esse processo:

**Enunciados previsíveis em uma FD1:** re-afirmação dos compromissos como um presidente eleito pelo povo e como grande representante da esquerda mundial; a importância e crescente projeção do Fórum Social Mundial

→ **A I -Assuntos no FSM que não foram tratados no FEM = (+FD1) (-FD2)**  
A I = Lula

**Enunciados previsíveis em uma FD2:** respeito a contratos e garantia do equilíbrio; expansão do mercado também no exterior; participação de capitais estrangeiros na ampliação da infra-estrutura; expansão do comércio internacional.

→ **A II -Assuntos no FEM que não foram tratados no FSM = (+FD1 - FD2) (+FD2)**

-----  
**FD1** – corresponde ao Fórum Social Mundial

**FD2** – corresponde ao Fórum Econômico Mundial

**Lula** = (+FD1) (-FD2)

**A I** = participação no FSM

**A II** = participação no FEM

O locutor se auto-representa como quem mantém uma mesma postura ideológica em A I e em A II. Ele se filia a FD1, mas há presença, em seu discurso (A II), de enunciados previsíveis em FD2; logo a sua postura em A I difere, em alguns pontos de suas falas, da sua postura em A II, o que desfaz a ilusão de um discurso que se quer homogêneo e coerente à formação discursiva a que se filia. Esse processo mostra como o discurso constitui o sujeito e, por sua vez, como as condições de produção organizam e legitimam o discurso e, ainda, como o sujeito é interpelado por esse discurso. Já que a participação em Davos deveria atender às expectativas do convite, as falas de Lula traz as marcas dessa expectativa, justamente nesses dizeres estranhos ao seu posicionamento ideológico, nessas palavras que ele diz e que não deveriam ser dele - *as palavras que eu digo são as suas, não as minhas* (AUTHIER-REVUZ, 1998).

É ainda possível visualizar esse processo em outro trecho. Em (5), como já se discutiu, Lula se propôs a tratar dos mesmos assuntos que tratou em Porto Alegre, mas contraditoriamente, numa sequência que segue a (5), ele delimita explicitamente o tema de sua fala ao tema do FEM, ‘a construção da confiança’:

(7) A reunião anual do Fórum Econômico Mundial tem como tema central a construção da confiança. Sinto-me muito à vontade com esse tema. Sou depositário da confiança do povo brasileiro. (FEM).

Essa contradição pode ser justificada na diferença entre os efeitos daquilo que se pretende dizer, a que se propõe tratar explicitamente, e daquilo que é obrigatório, que se deve dizer. Há, frente à coragem de embate, a coerção do que é legítimo dizer ali. Diante desse sujeito que se quer único e coerente, põe-se uma deixa de como as próprias condições de produção de sentido o tornam inevitavelmente atravessado e heterogêneo. Pêcheux (1988) postula que o sujeito do discurso é constituído de dois esquecimentos. Em um primeiro esquecimento, esse sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer e de ser único e impermeável frente a outros discursos. Em um segundo esquecimento, esse sujeito também tem a ilusão de que aquilo que ele diz tenha um significado apenas. O sujeito, mesmo caracterizado pela dispersão de outros sujeitos, de outras posições, de interpelações diferentes, quer se representar como aparentemente uno e coerente a si

próprio. Esse processo, como se viu, pode ser identificado nas falas de Lula frente às participações nos dois fóruns.

No enunciado (7), por exemplo, a palavra *confiança* aparece duas vezes e com implicações distintas para cada aparecimento: uma primeira vez (a), como tema central do FEM e, portanto, pertencente a uma expressão maior “a construção da confiança”, pré-estabelecida e filiada como diretriz do FEM; e, uma segunda vez (b), como um atributo ao povo brasileiro, no que concerne ao sentimento depositado na figura de Lula e, portanto, uma marca do que o levou à presidência e do que, naquele momento, mantém a sua popularidade. Não há uma coincidência entre o uso da mesma palavra nesses dois momentos. Em (a), o termo *confiança* é originário de uma situação discursiva anterior e que instaura o tema do FEM e, portanto, traz uma implicação social e política inscrita nesse fórum. Em (b), o sentido de *confiança* é legitimado na atualização da vitória de Lula, que é representada como a vitória do povo, a vitória da esquerda.

Em outros termos, ‘*confiança*’ em (a) não é o mesmo que ‘*confiança*’ em (b). Entre as palavras de Lula, há a presença de palavras estranhas marcadas como pertencendo a outro discurso; mesmo que ele reconfigure em (b) o sentido que ele quer atribuir em (a) (uma maneira de dizer com outra roupagem, como ponto de vista outro), a presença de (a) traz uma memória, no próprio pertencimento da palavra a uma expressão calcada pelo FEM. A esse processo, Authier-Revuz nomeia como *a não-coincidência do discurso consigo mesmo* e justifica, retomando Pêcheux, que essa não-coincidência remete a *toda palavra que, por se produzir no ‘meio’ do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso do outro – e à teorização do interdiscurso, em análise do discurso, que remete “eu falo” aqui e agora e ao algo fala em outro lugar, antes e independentemente*” (M. Pêcheux) (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22). Os usos de uma mesma palavra podem não coincidir entre si, afetados por outros sentidos, por outros discursos.

Nesse jogo entre o “eu” que intenciona e o acaso do dizer, uma outra situação demarca as não-coincidências presentes no interior mesmo do discurso:

(8) Será que seria pedir demais, para que os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras só uns dez minutos, para que a gente possa ver as pessoas de trás e as de trás possam ver a gente? Vocês sabem que uma das coisas que eu mais admiro é um militante, de qualquer organização, que vai para a rua com a sua bandeira. Eu acho uma coisa fantástica e inusitada. Eu só estou pedindo, faz tempo que eu não vejo vocês, faz tempo que vocês não me vêem, e eu acho que enrolar a bandeira cinco minutos não pesa nada para nenhum companheiro. (FSM).

Parece haver certa irritação em (8a) “Será que seria pedir demais” e (8b) “Eu só estou pedindo”. Aquele que, historicamente, admira as bandeiras e é animador dessa prática se mostra impaciente e pede seus companheiros para guardarem as bandeiras. Essa fala, hipoteticamente assimilada a uma impaciência com a euforia do seu público, aponta para uma atitude contraditória para com a prática que socialmente o identifica. Há uma filiação a essa prática em (8c) “Vocês sabem que uma das coisas que eu mais admiro é um militante, de qualquer organização, que vai para a rua com a sua bandeira. Eu acho uma coisa fantástica e inusitada”, mas há um distanciamento na deixa de uma intolerância em (8a) e em (8b). Essa intolerância se inscreve em uma ordem discursiva que condena as práticas da esquerda e do sindicalismo. Há, aqui também, uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, afetada pela presença em si de outros discursos. Toma-se, no *corpus*, ainda mais algumas manifestações interdiscursivas:

(9) Aqui, em Davos, convencionou-se dizer que hoje existe um único Deus: o mercado. Mas a liberdade de mercado pressupõe, antes de tudo, a liberdade e a segurança dos cidadãos. (FEM).

Reforçando um distanciamento diante de Davos e refutando as premissas de quem pertence a esse fórum, esse trecho demarca um posicionamento do locutor, em que se re-afirma um distanciamento entre o que ele diz e o que é representado como dizer do outro: *as palavras que eu digo não são suas* (AUTHIER-REVUZ, 1998) e, vice-versa, as palavras que vocês dizem não são as minhas. Ao posicionar os dizeres de Davos como demarcados na crença de que ‘o mercado é o único Deus’, o Lula diz o que FEM gosta de dizer, mas diz para refutar esse dizer. A oposição a esse dizer se dá pelo direcionamento argumentativo do articulador MAS<sup>4</sup>. No argumento dominante, correspondente à segunda parte da sentença (‘a liberdade de mercado pressupõe a liberdade e a segurança dos cidadãos’), o locutor demarca o seu lugar e busca mostrar a formação a que o seu dizer se filia:

<sup>4</sup> Como uma manifestação polifônica, o articulador MAS pode ser considerado um índice da *heterogeneidade mostrada* (MAINGUENEAU, 1989, p. 165-168)

**FD1** - a liberdade de mercado pressupõe a liberdade e a segurança dos cidadãos (FSM)



o Locutor assimila o seu posicionamento a essa voz.

**FD2** - o mercado é o único Deus (FEM)



o Locutor refuta esse posicionamento e o atribui a voz do outro, inserido em seu discurso para refutá-lo.

Esse distanciamento representado entre o discurso a que se filia o locutor e o discurso a que se filia o outro se repete, como já se viu, durante as falas de Lula nos dois fóruns. Em Davos, por exemplo, encontram-se solicitações como as que se seguem:

(10) Quero convidar a todos os que aqui se encontram, nessa montanha mágica de Davos, a olhar o mundo com outros olhos. É absolutamente necessário reconstruir a ordem econômica mundial para atender aos anseios de milhões de pessoas que vivem à margem dos extraordinários progressos científicos e tecnológicos que um ser humano foi capaz de produzir. (FEM).

(11) Meu maior desejo é que a esperança que venceu o medo, no meu país, também contribua para vencê-lo em todo o mundo. Precisamos, urgentemente, nos unir em torno de um pacto mundial pela paz e contra a fome. E, fiquem certos, o Brasil fará a sua parte. (FEM).

Em “Quero convidar a todos os que aqui se encontram, nessa montanha mágica de Davos” e em “Precisamos, urgentemente, nos unir em torno de um pacto mundial” há um apelo à boa vontade do outro, uma injunção a dizer em uma só voz. Mesmo que o sujeito esteja submetido, na tentativa de restaurar a unidade da enunciação que aparece ameaçada, à própria falta dessa unidade, há um chamamento a essa união, no desejo de que o distanciamento entre os interlocutores pudesse se desfazer. Se, por um lado, há um distanciamento representado, por outro, há um desejo de injunção, contrariando esse sujeito identificado como aquele que veio para o confronto, como aquele que recusa o outro em seu discurso.

Já em Porto Alegre, a representação de coerência e de quem honra sua filiação à esquerda faz a legitimação do que identifica o seu dizer às expectativas do FSM:

(12) Eu quero, meu querido Haddad, terminar dizendo para vocês uma coisa. Deixem-me dizer uma coisa para vocês. Eu quero dizer para vocês que o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é o de que vocês podem ter a certeza, como a certeza e a fé que vocês têm em Deus, para quem é cristão: é que eu posso cometer algum erro, mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país. (FSM).

(13) E estou aqui para dizer para vocês: meus companheiros e minhas companheiras do III Fórum Social Mundial, haja o que houver, aconteça o que acontecer, tentarei cumprir cada palavra que está contida no Programa de Governo que me elegeu Presidente da República deste país. (FSM).

(14) Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial, quero que vocês, que são brasileiros e vocês que não são brasileiros, mas que estão aqui, quero que vocês tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: não faltarei a vocês. (FSM).

(15) Por isso, não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar de vir aqui e dizer a vocês: valeu a pena, gente. E vai valer muito mais a pena, quando a gente estiver no último dia de Governo e puder provar, com dados sobre dados, que fizemos em quatro anos o que os outros não fizeram em algumas dezenas de anos neste país. (FSM).

Lula se filia à esquerda, mas mesmo lá, em que parece não haver uma cisão desse sujeito que se pretende único, faz-se confundir na voz do presidente, a voz do sindicalista, a voz do líder que fundou o Partido dos Trabalhadores, a voz daquele que reivindicava. O próprio uso do vocativo “companheiros” atualiza uma memória discursiva, como dissemos acima, que o identifica àquele Lula anterior, das práticas de palanque. Brandão (1998, p.128) afirma que *toda produção discursiva, que se efetua sob determinadas condições de uma dada conjuntura, faz circular formulações já enunciadas, fórmulas que constituíram o ritual que presidia a enunciação de um discurso anterior*. Nessa perspectiva, repetir o uso do vocativo “companheiros” é se apropriar de um enunciado pertencente a uma formação discursiva anterior e, aquele discurso que se apropria, legitimado já como o de Presidente da República, passa a ter um domínio associado ao da formação discursiva de que se apropriou, produzindo um efeito de memória que re-atualiza o Lula à esquerda de acordo com a qual se fundou sua imagem. Esse processo, na sua instância de repetição e transformação de domínios do saber associados a outras formações discursivas, explica o funcionamento interdiscursivo do discurso que regula o deslocamento das fronteiras das formações discursivas.

Em relação a esse discurso atravessado pela voz de outras formações discursivas, atualizadas no discurso de Lula, citam-se duas outras falas:

(16) Quero agradecer à direção desse evento. Eu sei que não é fácil, sei do sacrifício que vocês estão fazendo para fazer essa organização, sei do cuidado que vocês têm com a segurança. (FSM).

(17) Eu sempre disse que o maior desejo que tinha, de ser eleito Presidente da República, era para ver se eu conseguia atender às minhas próprias reivindicações. Eu sou um homem que fez muitas reivindicações, no Brasil. Eu exigi muito de cada Governo que passou aqui, antes de mim, como muitos de vocês exigem, nos seus países. E o meu desejo de ser Presidente da República era o de saber se, eleito Presidente da República, serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações. (FSM).

Em (16), a demonstração de que se sabe do esforço despendido para a organização do evento posiciona aquele que diz como quem sabe da natureza desse envolvimento, justificando uma experiência na organização de movimentos como esse. Intercala-se, na voz do presidente, a voz daquele que coordenou movimentos sociais e organizou esse tipo de prática. Já em (17), na passagem “para ver se eu conseguia atender às minhas próprias reivindicações”, os dois marcadores de primeira pessoa (‘eu’, ‘minha’) podem se definir em formações discursivas diferentes: *eu* – o presidente – e *minha* – aquele que reivindicava quando não era presidente. Há um distanciamento reconhecido entre ser presidente de um partido político/coordenador de movimentos sociais e assumir um cargo como o de Presidência da República. Nessa diferença, a voz do presidente de um partido de esquerda e de um sindicalista é ao mesmo tempo atualizada e distanciada na voz do Presidente da República, lugar de onde legitimamente ele fala.

Representar-se coerente a sua história e as suas posturas é mais que se reafirmar em um compromisso político, é proteger sua face e garantir a manutenção de sua figura. Instala-se, estrategicamente, um processo de rejeição do discurso do outro e de auto-afirmação do discurso próprio, pois as formações discursivas envolvidas – seja na referência ao FEM no FSM, seja pelo distanciamento interlocutivo representado em Davos – são incompatíveis, por vezes contraditórias, e que, num processo argumentativo, devem ser posicionadas como impossíveis de coexistirem em um mesmo espaço discursivo. Esse sujeito da enunciação manipula sua fala de dentro da sua FD, pois sabe o que deve e pode ser dito. Nas conseqüências do próprio dizer, o que se vê, no entanto, é justamente um sujeito disperso e atravessado por outros discursos.

#### 4. Considerações Finais

Ao propor uma análise em que a leitura do funcionamento discursivo fosse depreendida nos aspectos da interdiscursividade, tivemos por objetivo percorrer uma trajetória teórica, em que visamos uma discussão e um re-direcionamento frente a um conceito tradicional para a Análise do Discurso, o de Formação Discursiva. Nesse percurso, foi possível apreender os pressupostos que fundamentam os estudos sobre heterogeneidade constitutiva e considerá-la como um traço discursivo determinante não só na constituição discursiva como também na formulação de procedimentos de análise.

Sob esse sentido, pode-se dizer que a escolha do *corpus* encontrou espaço fértil: re-atualizando a motivação inicial do objeto desse trabalho, que correspondia à participação do presidente em fóruns tão distintos. Nosso posicionamento partiu justamente da curiosidade sobre essa figura política que se propunha manter um mesmo discurso em ambas as participações e, para tanto, se auto-representava coerente e dono de seu próprio dizer. Nesse discurso que se representava único e impermeável, como se viu, havia as deixas da fragmentação desse sujeito e da presença de outros discursos atravessados.

Filiar esse trabalho a uma Análise do Discurso que inscreve a noção de discurso na heterogeneidade que o constitui e considera o primado interdiscursivo tornou possível encaminhar uma desmistificação desse dizer que se queria unívoco, para localizá-lo como essencialmente heterogêneo. Na heterogeneidade, como considera Authier-Revuz, o sujeito se constitui justamente com a presença do outro no fio discursivo, mas resiste a esse processo na busca ilusória de uma unidade e na tentativa velada de harmonizar as diferentes vozes que o atravessam.

Esse sujeito, entretanto, sofre as coerções das formações ideológicas e discursivas e é interpelado pela ideologia. O sujeito é levado a ocupar um lugar e a assumir, no processo enunciativo, sua identificação frente a uma determinada formação social, deixando de ser o controlador de seu dizer. A identidade, dessa forma, não é vista como um processo de cristalização do sujeito, que instaure o seu dizer numa compreensão imobilista do sentido, mas como um processo descontínuo de identificação. Trata-se, portanto, de reconhecer esse sujeito na sua multiplicidade, um sujeito justificado em uma noção de discurso que o apresenta como essencialmente heterogêneo e que o define, constitutivamente, em sua interdiscursividade.

## 5. Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. As não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa – estudo lingüístico e discursivo da modalização autonímica. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas – as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 13-51.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Do eu da intenção ao jogo do acaso: figuras metaenunciativas do bem dizer. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas – as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 53-81.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P. & GERALDI, J. W. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, UNICAMP – IEL, n.19, jul/dez., 1990. p.25-42.

BAGHIN-SPINELLI, Débora Cristina M. Considerações sobre identidade nacional brasileira na virada do milênio: uma análise discursiva de textos da mídia. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada* / Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, n.39, jan./jun., 2002. p. 9-23.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINE, Vanice & NAVARRO-BARBOSA (org.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 45-62.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: UNICAMP, 1993.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação e polifonia – a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: UNESP, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes / UNICAMP, 1989.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. A. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.